



A noção de concomitância na metapsicologia de Freud¹

The notion of concomitance in the Freud's metapsychology

Monah Winograd

Docente do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ - Brasil, e-mail: winograd@puc-rio.br

Resumo

A problemática das relações entre corpo e psiquismo permeia todo o pensamento freudiano. Em um primeiro momento, ela aparece ligada à questão das relações cérebro-pensamento e é explícita. Depois, se torna subterrânea, mas está lá, em operação, vindo à tona, por exemplo, com o conceito de pulsão. Em vez de respostas conclusivas, encontramos pontos de articulação, dos quais selecionamos alguns em dois blocos. O primeiro bloco diz respeito aos pressupostos do pensamento freudiano. São posicionamentos teóricos que sobredeterminam a imagem de psiquismo que Freud construiu. O 1º pressuposto é o de que processos fisiológicos e processos psíquicos acontecem concomitantemente e na interdependência uns dos outros, não podendo ser reduzidos uns aos outros com o estabelecimento de uma hierarquia causal – eis o foco principal deste artigo. O 2º pressuposto diz respeito à pertença de Freud a uma linhagem

¹ Este texto contém trechos fortemente inspirados no artigo, de minha autoria, "Entre o corpo e o psiquismo: a noção de concomitância dependente em Freud", *Revista Psychê*, v. VIII, n. 14, p. 95-118, 2004.

de pensamento evolucionista expressa em sua tentativa de inventar uma filogenética anímica, paralela, concomitante, dependente e em uma relação de ação recíproca com a filogenia biológica. Já o 3º pressuposto é expresso pela ideia de equação etiológica, complementada com a de séries complementares, sugerindo que, na origem e no devir de cada psiquismo, opera a conjugação quantitativa de fatores constitucionais e fatores acidentais. O segundo bloco é formado pelos conceitos metapsicológicos de pulsão, afeto e isso, derivados dos pressupostos.

Palavras-chave: Concomitância dependente. Corpo-psiquismo. Metapsicologia.

Abstract

The body-mind problem permeates the whole Freudian thought. At first, it appears linked to the question of relations brain-thought and is explicit. Then it becomes groundwater, but it's there, in operation, coming to light, for example, with the concept of drive. Rather than conclusive answers, we find points of articulation, some of which we selected in two blocks. The first block concerns the assumptions of Freudian thought, theoretical viewpoints that overdetermines the image of the psyche that Freud built. The first assumption is that the physiological and psychological processes occur as concomitant dependents and can not be reduced one to another by establishing a causal hierarchy – that is the main focus of this article. The second assumption concerns the membership of Freud to a lineage of evolutionary thought expressed in his attempt to invent a psychic phylogeny, parallel, concurrent, and dependent on a relationship of reciprocal action with biological phylogeny. The third assumption is expressed by the idea of an etiological equation, supplemented by the complementary series, suggesting that the source and the becoming of every psyche operates as a combination of quantitative factors, constitutional and accidental. The second block is formed by the metapsychological concepts of drive, affect, and id, derived from assumptions.

Keywords: Concomitant dependent Body-mind. Metapsychology.

Introdução

Há mais de dez anos, a imprensa americana apresentou como “descoberta científica” a comprovação empírica de que “terapias não químicas” (no caso, a terapia cognitiva ou comportamental, mas isso é

o de menos) provocam alterações comparáveis a intervenções químicas do ponto de vista da atividade cerebral (CALIGARIS, 1996). Mais recentemente, a *Folha de São Paulo* (10/08/2001) publicou uma pequena reportagem sobre um estudo com doentes do mal de Parkinson, realizado por pesquisadores da Universidade da Colúmbia Britânica (Canadá). Os resultados desse estudo sugerem que o simples ato de receber algum tipo de tratamento pode produzir efeitos em razão da expectativa de benefício que ele cria. No caso desses doentes canadenses, a crença de estarem tomando algo realmente eficaz contra sua doença teria causado a liberação de dopamina, um mensageiro químico do cérebro envolvido, entre outros, no controle dos movimentos automáticos e involuntários do corpo. Com essa descoberta, os cientistas da Colúmbia Britânica pretendiam desfazer a crença corrente entre eles de que, no corpo humano, não haveria nenhum tipo de “resposta química” correspondente ao “efeito placebo” e de que qualquer efeito verificado seria apenas resultado de autossugestão. Para Jon Stoessl e seu grupo canadense, ao contrário, o chamado “efeito placebo” provocaria alterações cerebrais de magnitude e realidade comparáveis às provocadas por anfetaminas – substância conhecida por liberar grandes quantidades de dopamina.

Antes de Stoessl e seu grupo, em 1888, Sigmund Freud fez uma descoberta parecida. Trabalhando com pacientes histéricas, o inventor da psicanálise percebeu que os tratamentos psíquicos eram tão eficazes quanto os que intervêm no corpo do paciente. Assim como o que ocorre em nosso corpo pode vir acompanhado por variações no modo como pensamos, o que ocorre no modo como pensamos faz-se acompanhar por variações em nosso corpo. Qualquer tipo de intervenção (química ou verbal) é necessariamente, em parte, de natureza física e, em parte, de natureza psíquica (FREUD, [1888] 1990a).

Cento e vinte e um anos depois de Freud, será que estaríamos um pouco mais próximos da controversa “comprovação científica”, cuja inexistência serviu de argumento contra a teoria e a clínica psicanalíticas? Teríamos enfim encontrado e aberto a caixa preta do psiquismo humano, como gostavam de dizer os comportamentalistas?

Essa questão é importante porque problematiza os limites da psicanálise, epistemológicos, metapsicológicos e clínicos. Mas o que

chama a atenção nessa reportagem nem é tanto a verificação empírica, oficialmente científica, da reciprocidade da relação entre a biologia do corpo e as variações psíquicas. Não há aí surpresa nenhuma. A manchete da reportagem, “Substância inócua combate Parkinson”, é que causou estranheza. Mesmo depois de “provado cientificamente” que imaginar a própria melhora quando se está doente pode produzir variações neuroquímicas de grande magnitude, pretende-se continuar fazendo crer que essas variações foram “produzidas” por uma substância ainda que inócua, o placebo. Essa manchete, e tantas outras semelhantes, são expressões do projeto de naturalização do psiquismo implementado desde meados do século XX, em conformidade com a hegemonia pretendida pela concepção do ser humano como uma máquina que pode ser projetada, construída e programada. Desse ponto de vista, assim como o fígado secreta a bile, o psiquismo seria somente uma secreção cerebral, como disse Canguilhem (1993) em uma conferência célebre proferida em dezembro de 1980.

Nessa conferência, Canguilhem (1993) combatia em bloco, não as ciências e seus avanços, não os trabalhos modernos sobre os neurônios, os genes ou a atividade cerebral (embora algumas das conclusões desses trabalhos devam mesmo ser combatidas). Canguilhem (1993) atacava ferozmente as psicologias que, ao misturarem ciência da cognição, inteligência artificial, experimentalismo, neurobiologia etc., não passam de instrumentos de poder, biotecnologias do comportamento humano que enfraquecem a liberdade e a potência de pensar.

Como devemos entender tais discursos biologizantes e como evitar assumir uma postura pusilânime, defensiva e conservadora, que faz com que pareçamos defensores de um espiritualismo retrô e de uma ilusão religiosa que nós mesmos nos esforçamos por dissolver? Seria o caso de buscar, se não composições, pelo menos o diálogo com as biológicas? Se sim, com quais discursos, como e por quê? Ou, antes, não seria o caso de analisar distanciada e criticamente, mas sem dogmatismos, tais discursos e os modos de subjetivação que eles produzem? Essas perguntas são apenas exemplos das que têm nos ocupado ultimamente.

Uma rápida consulta à bibliografia sobre as relações entre psicanálise e neurociências, em particular, mostra que há um aspecto

importante que aparece mais claramente quando fazemos um recuo estratégico das bordas do campo psicanalítico para o centro da metapsicologia. Trata-se de uma questão teórica e clínica central para a psicanálise e nem de longe esgotada: a das relações em diversos níveis entre corpo e psiquismo. Investigar esse problema na obra de Freud é interessante porque mostra os fundamentos da psicanálise.

A bibliografia especificamente psicanalítica – especialmente a francesa – privilegia o problema da representação psíquica do corpo, de como ele é, mais do que afetado, constituído pelo simbólico e pelo imaginário. Noutras palavras, de como o corpo é feito de palavras. Isso é verdadeiro do ponto de vista da psicanálise, mas é só parte da verdade e do problema. Tomá-lo pelo todo resulta em equívocos tão teoricamente ingênuos e clinicamente graves quanto os cometidos pela neurociência, a mais reducionista. É muito comum a classificação de determinados trechos do texto freudiano como “resquíio de biologismo”, “sobra da formação positivista de Freud”, a-significantes e mesmo desimportantes. É igualmente usual tais trechos serem lidos sem sequer serem problematizados. Parece que importa somente destacar a originalidade de Freud por ter “descoberto” que o corpo humano é formado, afetado e determinado pela linguagem.

Não se trata de discordar da “descoberta” freudiana, mas, ao contrário, de compreendê-la em toda a sua complexidade. O problema do corpo na psicanálise não se esgota na afirmação de não haver corpo sem palavras. Ou, em outras palavras, de que é somente do lugar da linguagem que podemos falar deste corpo. De fato, se falamos seja o que for, estamos na linguagem. Mas daí a concluir que só e somente só o que importa na determinação do corpo e do psiquismo sejam as palavras, a distância é grande e muito frequentemente tratada como desprezível.

Por outro lado, é igualmente corriqueiro hoje em dia tais trechos serem tratados como reveladores, não apenas da inspiração naturalista, mas da verdadeira vocação da psicanálise para se integrar ao quadro das ciências naturais e salvar-se da morte por meio da adesão ao método experimental. Seria, então, o caso de levá-la de volta para o lugar de onde nunca deveria ter saído, a saber, o domínio das ciências naturais, especificamente, das ciências do cérebro. Se Freud se afastou do

laboratório, teria sido tão somente por falta de tecnologia adequada para dar prosseguimento ao seu projeto para uma psicologia científica. Suas hipóteses podem e devem ser (ou não) confirmadas por evidências científicas. Ora, ninguém duvida de que há relação entre os estados psíquicos e os estados cerebrais. Mas daí a concluir que só e somente só o que importa na determinação do corpo e do psiquismo sejam os processos biológicos, a distância é grande e muito frequentemente tratada como desprezível.

Os pressupostos freudianos

Deixando em suspenso a questão do sentido que fazia para Freud pretender que a psicanálise fosse uma ciência natural – o que implicaria uma pesquisa sobre o seu conceito de natureza –, o acompanhamento de sua produção desde o início, texto a texto, revela que a problemática das relações entre corpo e psiquismo permeia todo o seu pensamento. Em um primeiro momento, ela aparece diretamente ligada à questão das relações entre cérebro e pensamento, e é mais explícita. Depois, ela se torna subterrânea, mas está lá, em operação, vindo novamente à tona, por exemplo, com a circunscrição do conceito de pulsão, ou mesmo antes, com a problematização da sexualidade. Em vez de respostas conclusivas, encontramos diversos pontos de articulação, dos quais podemos selecionar alguns e organizá-los em dois blocos.

O primeiro bloco diz respeito aos pressupostos mais ou menos implícitos do pensamento freudiano. São pontos de vista e posicionamentos teóricos *a priori*, ou seja, que sobredeterminam a imagem de psiquismo que Freud construiu. O segundo bloco – que vou somente mencionar – é formado pelos conceitos metapsicológicos de pulsão, afeto e isso, derivados dos pressupostos. Por enquanto, basta defini-los como conceitos-membrana, ou simplesmente como membranas, inspirando-nos na ideia freudiana de *Grenzbegriff* (*Grenz*: limite, fronteira; *begriff*: conceito). O termo *Grenzbegriff* nunca foi utilizado por ninguém antes de Freud e suas traduções tiveram que desmembrar a nova palavra. James Strachey propôs que ela fosse traduzida por “concept on the frontier”,

por sua vez traduzido para o português como “conceito situado na fronteira”. Essa tradução para o português é correta apenas em parte, pois, se ressalta a localização do conceito na geografia da metapsicologia como estando na fronteira, não transmite claramente o sentido de que esse conceito também é a própria fronteira. Os tradutores da edição argentina, por sua vez, preferiram fazer uso de “concepto fronteirizo”, ao passo que a tradução francesa, proposta por Laplanche e Pontalis (1982), preferiu utilizar “concept limite” – tradução mais interessante, pois se aproxima em sua composição da palavra criada por Freud, sem privilegiar um ou outro sentido. Com efeito, *Grenzbegriff* pode ser compreendido como estando na fronteira, como sendo um conceito fronteiriço. Mas isso acontece apenas na medida em que ele é a própria fronteira, ou seja, na medida em que ele delimita uma determinada região e opera trocas com as regiões vizinhas.

Se é assim, se para Freud há regiões diferentes, mas fronteiriças, devemos perguntar: que fronteira é essa? Que regiões estão sendo delimitadas? O termo *Grenzbegriff* foi utilizado para definir uma força de fonte corporal que exige a constituição da alma e é sua mola mestra: “a pulsão é um conceito-fronteira entre o anímico e o somático [...]” (FREUD, [1915] 1987, p. 117). Dessa frase, basta, por ora, que consideremos o seguinte: Freud pensava o “anímico” e o “somático” como duas ordens ou domínios distintos, a realidade das ideias e a realidade das coisas ou, se preferirem, a realidade psíquica e a realidade objetiva. Em uma carta escrita para Georg Groddeck em 5 de junho de 1917, Freud responde à tentativa de ser convencido de um ponto de vista monista: “receio que o Sr. seja também um filósofo e que tenha a tendência monística a desdenhar todas as belas diferenças na natureza em troca do engodo da unidade. Estaremos assim nos livrando das diferenças?” (FREUD, [1917] 1994, p. 11). Mas o dualismo de Freud não era um dualismo de substância a *la* Descartes. Sua posição era assumidamente materialista, com raízes profundas em sua convicção evolucionista e seu antiespiritualismo adquiridos ainda na juventude. Ele nunca teve dúvidas de que o psiquismo está em relação com os processos biológicos. A questão é: a que tipo de relação o metapsicólogo se referia?

Por exemplo, em sua juventude, Freud propôs que se desautorizasse a pergunta sobre se determinados fenômenos como a hipnose mostram processos psíquicos ou processos fisiológicos (FREUD, [1888] 1996a). Para ele, esse era um falso problema: processos fisiológicos e processos psíquicos acontecem concomitantemente e na interdependência uns dos outros; não são processos autônomos, mas também não podem ser reduzidos uns aos outros com o estabelecimento de uma hierarquia causal. Eis a beleza do pensamento freudiano: seu materialismo não era do tipo que cega para “as belas diferenças na natureza”. Pois bem, esse é o primeiro pressuposto que eu gostaria de destacar. É o mais determinante, o fundamento mesmo do todo o resto – a ideia de concomitância dependente. Essa ideia aparece com clareza em alguns dos classicamente chamados textos pré-psicanalíticos, quando a questão era a das relações entre cérebro e pensamento. Ela foi formulada explicitamente no primeiro livro de Freud, publicado em 1891, quando ele tinha 35 anos (FREUD, [1891] 1986).

O segundo pressuposto deriva do primeiro e diz respeito à pertença de Freud a uma linhagem de pensamento evolucionista, expressa exemplarmente em sua tentativa de inventar uma filogenética anímica, paralela, concomitante, dependente e em uma relação de ação recíproca com a filogenia biológica (FREUD, [1915] 1996f). Com isso, ele tentava explicar a gênese das formas anímicas atuais e suas variações do ponto de vista de uma memória coletiva. Em outras palavras, tentava entender como o psiquismo humano chegou à organização que chegou, quais os tipos que se pode encontrar e por que esses e não outros?

Já o terceiro pressuposto, derivado do segundo, é expresso pela ideia de equação etiológica, posteriormente complementada com a de séries complementares (por exemplo, FREUD, [1895] 1996d, e; [1916-1917] 1996g). A ideia de uma equação etiológica sugere que, na origem e no devir de cada psiquismo, opera a conjugação quantitativa de fatores constitucionais e fatores acidentais, para usar os termos do próprio Freud. Hoje poderíamos dizer tratar-se da conjugação entre fatores genéticos e fatores ambientais. Vê-se que, aqui, a questão das relações entre corpo e psiquismo se confunde com o problema da oposição inato/

adquirido, hereditário/acidental. Oposição que, em Freud, perde seu sentido, pois para ele o indivíduo é o que ele traz à vida e o que a vida lhe traz. Não há como separar a alma daquilo que a fabrica.

O cérebro de Freud

Voltando ao primeiro pressuposto da teoria freudiana, a ideia de concomitância dependente começa a ser esboçada em uma passagem longa:

ademais, existe o fato, inacessível através de uma compreensão mecânica, de que simultaneamente ao estado de excitação mecanicamente definível de elementos cerebrais específicos, estados específicos de consciência, acessíveis somente através de introspecção, podem ocorrer. O fato real da conexão entre mudanças no estado material do cérebro e mudanças no estado da consciência, mesmo que esse fato seja incompreensível mecanicamente, faz do cérebro o órgão da atividade anímica. Mesmo a natureza da conexão sendo incompreensível para nós, ela não é sem leis e, baseado na combinação entre as experiências dos sentidos externos, de um lado, e a introspecção interna, de outro lado, estamos aptos para afirmar algo sobre estas leis. Se uma mudança específica no estado material de um elemento cerebral específico se conecta com uma mudança no estado de nossa consciência, então esta última também é inteiramente específica; entretanto, ela não é dependente somente da mudança no estado material, quer esta conexão ocorra, quer não. Se o mesmo elemento cerebral passa pela mesma mudança em seu estado em momentos diferentes, então o processo anímico correspondente pode estar ligado a ele numa ocasião [ele pode atravessar o limiar da consciência] e não em outra. No momento, não estamos aptos a formular melhor as leis que governam isto. Não sabemos se a conexão depende, além da mudança de estado dos elementos considerados, de estados e mudanças simultâneos em outros elementos cerebrais, ou, ademais, se também depende de ainda outra coisa (FREUD, [1888] 1990b, p. 62-63).

Essa passagem foi extraída do artigo “Cérebro”, escrito por Freud em 1888 para um dicionário de medicina geral (FREUD, [1888] 1990b). Ele não figura nas edições de suas obras completas e, no en-

tanto, revela as bases do modo como Freud entendia a mente humana. Historicamente, esse texto pode ser classificado como fazendo parte de seus escritos neurológicos, situando-se na fronteira entre o que se convencionou chamar de período neurológico e período psicológico da produção freudiana. E ele salta aos olhos como especialmente revelador. É um dos mais longos do dicionário e pretende ser uma introdução sobre a estrutura e o funcionamento do cérebro humano. A segunda parte do artigo é a que nos interessa. É sobre neurofisiologia e começa pela problemática das relações entre processos neurofisiológicos e processos psíquicos, incluindo uma especulação sobre como esses últimos podem ser representados no cérebro. Essa segunda parte inicia com uma definição geral do cérebro como o órgão no qual “as excitações sensoriais centrípetas” são convertidas em “impulsos centrífugos de movimentos” (FREUD, [1888] 1990b, p. 62). Essa função do cérebro recebe o estatuto de causalidade mecânica, tendo no arco-reflexo o seu modelo. Contudo, a atividade cerebral não se reduz a essa função, pois “simultaneamente ao estado de excitação, definível mecanicamente, de elementos cerebrais específicos, estados específicos de consciência podem ocorrer” (FREUD, [1888] 1990b, p. 62) (Lembremos que em 1888 não havia ainda o conceito de inconsciente, de modo que a questão de se Freud entendia estado psíquico como sendo exclusivamente estado de consciência fica em aberto por enquanto).

Então, entre os estados de excitação cerebral e os estados de consciência, Freud concebe uma relação de conexão ou de ligação que pode ser formulada assim: as mudanças nos estados materiais (nas excitações dos elementos cerebrais) estão *em conexão* com as mudanças nos estados de consciência. Essa formulação constitui uma primeira determinação do psíquico e faz do cérebro “o órgão da atividade anímica (*Seelenthätigkeit*)”. Pois bem, o que nos diz Freud dessa atividade anímica?²

² Neste e nos próximos parágrafos, baseio-me na argumentação de uma pequena parte da bela apresentação deste artigo feita por Pierre Bruno (1971).

- 1) A conexão que a constitui não é da ordem de uma causalidade mecânica. Se a aparição de um estado de consciência implica necessariamente a excitação de elementos cerebrais, a recíproca não é verdadeira, pois a excitação dos mesmos elementos cerebrais podem não estar em conexão com um estado de consciência. Ou seja, a conexão ocorre ou não de acordo com cada momento e nada permitia dizer se a ocorrência dessa conexão dependia de uma mudança de estado de outros elementos cerebrais ou, segundo as palavras do jovem médico, “de outra coisa”.
- 2) A conexão, quando tem lugar, dá-se em termos de franqueamento ou não franqueamento de um “limiar da consciência”.

A partir desses aspectos podemos, provisoriamente, tirar algumas conclusões:

- 1) primeiro, a ausência de causalidade mecânica entre um estado de excitação cerebral e um estado de consciência, o que induz à ideia de uma distinção de níveis entre os dois, da qual ainda não se sabe se é nominal ou real;
- 2) por outro lado, há o anímico a partir do momento em que a conexão se efetua entre os dois níveis, o estado de excitação cerebral sendo uma condição necessária, mas não suficiente, do estado de consciência.

Contudo, ao lado da relação de conexão entre as séries, Freud acrescenta um segundo tipo de relação, dessa vez operando entre os próprios elementos da série de eventos psíquicos. Essa série psíquica tem a forma de uma cadeia formada por elos. Cada elo seria um elemento psíquico, que pode ser, por exemplo, um “estado de consciência”, uma representação, uma ideia. Segundo a primeira determinação, essa cadeia psíquica está em ligação com a cadeia neural, mas é, ao mesmo tempo, distinta: são duas séries diferentes de eventos, interconectadas, correspondentes certamente, mas distintas. Muito bem, então como se dá essa correspondência? Será do tipo ponto a ponto: cada elo de uma corresponde pontualmente a um elo da outra?

Freud oferece três possibilidades gerais de composição da cadeia psíquica:

- 1) todos os elos da cadeia psíquica franquearam o limiar da consciência. É o caso mais simples: a cada elo de uma cadeia, corresponderia a um elo da outra;
- 2) somente alguns elos franquearam esse limiar, outros não;
- 3) nenhum elo ultrapassou o limiar da consciência.

De saída, nota-se que a identificação entre consciente e psíquico parece impossível: se algum elo da cadeia psíquica pode não ter franqueado o limiar da consciência, e ainda assim ser um elo da cadeia psíquica, é porque psíquico e consciente não são idênticos. De qualquer modo, devemos perguntar: para aquele Freud de 1888, no caso em que somente alguns elos franquearam limiar da consciência, qual o destino dos elos que não ultrapassaram esse limiar?

A resposta pode ser decomposta em duas eventualidades:

- 1) Numa primeira eventualidade, os elos que não franquearam o limiar da consciência só existiriam como elos da cadeia neurofisiológica. No caso em que somente alguns elos ultrapassaram esse limiar, e se queremos que a cadeia não se rompa, devemos supor a existência de uma possibilidade de associação entre um elo da cadeia psíquica e um elo da cadeia neural. De tal modo que, no caso em que nenhum elo franqueie o limiar da consciência, a aplicação dessa eventualidade resulte na redução total da cadeia psíquica à cadeia cerebral. Vê-se o que daí decorre: o psíquico não seria nada mais do que o cerebral, incluindo a possibilidade, mas não a necessidade, da consciência.
- 2) Em uma segunda eventualidade, os elos que não franquearam o limiar da consciência subsistem como elos psíquicos não conscientes, distintos da cadeia neurofisiológica. Nesse caso, Freud estaria considerando o psíquico como mais do que somente a consciência e como de certo modo irredutível à cadeia de eventos neurofisiológicos.

O paralelismo psicofísico de Freud

O fato é que nada, no texto de 1888, permite decidir por uma das duas eventualidades e concluir que Freud assumia uma ou outra posição. Esse problema foi objeto de alguns estudos. Houve quem defendesse que o jovem Freud tinha uma perspectiva epifenomenalista, segundo a qual os acontecimentos psíquicos seriam somente sombras dos acontecimentos neurais (AMACHER, 1965; ANDERSSON, 1962). A relação causal seria clara e de mão única: o cerebral causa o psíquico. Como consequência, os acontecimentos psíquicos são dispensáveis, já que o curso dos acontecimentos neurais seria exatamente o mesmo, com ou sem seu correspondente psíquico. Cérebro e pensamento funcionariam segundo princípios idênticos, quais sejam, os do arco-reflexo.

Contudo, houve também quem lesse esse Freud de 1888 como já entendendo que a atividade psíquica não poderia ser reduzida à fisiologia cerebral e seus princípios (SOLMS; SALING, 1990). Para esses comentadores, a posição de Freud sobre o problema das relações mente-cérebro era tributária do paralelismo proposto pelo neurologista inglês Hughlings-Jackson ([1884] 1932), para quem os processos neurofisiológicos e os processos psíquicos deviam ser conceitualizados separadamente como processos concomitantes um ao outro (SOLMS; SALING, 1986). Em sua célebre palestra sobre evolução e dissolução do sistema nervoso, Hughlings-Jackson (1884) disse:

tenho, até este ponto, considerado ao máximo possível, o homem como uma mera máquina. Eu tenho muitas vezes, é verdade, em observações anteriores, usado termos psicológicos; mas eu tenho realmente apenas lidado com o sistema nervoso – tenho falado das condições físicas de estados mentais subjacentes. Agora, falo da relação da consciência com o estado nervoso. A doutrina à qual me apego é: primeiro, que estados de consciência (ou, sinonimamente, estados de espírito) são completamente diferentes de estados nervosos; segundo, que as duas coisas acontecem juntas – que para cada estado mental há um estado nervoso correlativo; terceiro, que embora ambas as coisas ocorram paralelamente, não há interferência de uma sobre a outra. Isto pode ser chamado de Doutrina de Concomitância. Logo, no caso de uma percepção visual, há

um circuito físico inteiro, uma reação reflexa completa desde a periferia sensória até os mais altos centros e de volta à periferia muscular. A imagem visual, um puro estado mental, acontece em paralelo com – surge durante (não a partir de) – as atividades das duas mais altas conexões desta corrente puramente física. Por assim dizer, ela “aparece fora” destas conexões (HUGHLINGS-JACKSON, [1884] 1932, p. 70).

O fato é que em outro artigo do mesmo ano de 1888, intitulado “Histeria” e escrito para o mesmo dicionário de medicina geral, logo na primeira página, Freud ([1888] 1990a) afirma que não foram encontradas alterações anatômicas perceptíveis no sistema nervoso dos pacientes histéricos e que não se deve esperar encontrá-las, mesmo com o aperfeiçoamento tecnológico. Isso porque, nas suas palavras, “a histeria baseia-se inteiramente em modificações fisiológicas do sistema nervoso, e sua essência deveria expressar-se mediante uma fórmula que desse conta das relações de excitabilidade entre as diversas partes do referido sistema” (FREUD, [1888] 1990a, p. 45). Com relação aos sintomas psíquicos da histeria, Freud os definiu como podendo ser resumidos como “umas modificações, na distribuição normal sobre o sistema nervoso, das magnitudes estáveis de excitação” (FREUD, [1888] 1990a, p. 54), com a produção de um excedente de excitação que se exteriorizaria ora inibindo ora estimulando, e se deslocaria pelas representações. Vê-se que variações nas excitações dos elementos do sistema nervoso estão em conexão com variações anímicas, tal e qual o que foi proposto no artigo “Cérebro” (FREUD, [1888] 1990b). Tanto é que, no final desse texto, a título de resumo, Freud escreve que

a histeria é uma anomalia do sistema nervoso baseada numa distribuição diferente das excitações, provavelmente com formação de um excedente de estímulo dentro do órgão anímico. Sua sintomatologia mostra que este excedente de estímulo é distribuído por representações conscientes e inconscientes. Tudo quanto varie a distribuição das excitações dentro do sistema nervoso é capaz de curar perturbações histéricas; tais intervenções são em parte de natureza física, em parte de natureza psíquica (FREUD, 1888b, p. 62-63).

Primeiro, a confirmação de mais uma ideia que ficava implícita no artigo “Cérebro”: os elos que não franqueiam o limiar da consciência permanecem como elos psíquicos inconscientes. Depois, a afirmação de que intervenções de natureza psíquica, bem como de natureza física, podem fazer variar a distribuição das excitações no sistema nervoso: a conexão entre as cadeias neural e psíquica seria recíproca. A cada configuração somática das forças em ação no sistema nervoso, ou segundo o punho de Freud ([1889] 1996b), a cada “estado encefálico” corresponderia um “estado de alma” e, inversamente, a cada estado de alma corresponderia um estado encefálico, ambos ocorrendo de modo concomitante.

Se era realmente esse o seu ponto de vista, nada mais coerente do que considerar o método hipnótico como uma possibilidade interessante no tratamento de algumas afecções, como já mencionamos. Em seu prólogo à tradução do livro de Bernheim sobre a sugestão, também de 1888, Freud apresenta o problema de como o hipnotismo deveria ser considerado: como um fenômeno psíquico (desencadeado a partir da sugestão) ou como um fenômeno fisiológico (FREUD, [1888] 1996a). Como era de se esperar, ele não assume nenhuma das duas posições. Ao contrário, empenha-se em descrever tanto os processos fisiológicos quanto os psicológicos envolvidos, e justifica seus argumentos concordando com Bernheim sobre o equívoco em se classificar os fenômenos hipnóticos como puramente fisiológicos ou puramente psíquicos. Trata-se na verdade de um processo de dupla face que implica, simultaneamente, variações psíquicas e variações fisiológicas. A especificação, de acordo com sua natureza, dos mecanismos em ação na hipnose deve, portanto, ser considerada um falso problema.

Dois anos depois, em 1890, no artigo “Tratamento psíquico”, versando mais uma vez sobre o polêmico tratamento hipnótico, Freud afirmou que

a medicina moderna teve ocasião suficiente de estudar os nexos entre o corporal e o anímico, nexos cuja existência é inegável; mas, em nenhum caso, deixou de apresentar o anímico como comandado pelo corporal e

dependente dele. Destacou, assim, que as operações anímicas supõem um cérebro bem nutrido e de desenvolvimento normal, de sorte que resultam perturbadas toda vez que esse órgão se enferma; [...]. A relação entre o corporal e o anímico (no animal, tanto como no homem) é de ação recíproca; mas, no passado, o outro flanco desta relação, a ação do anímico sobre o corpo, encontrou pouca honra aos olhos dos médicos. Pareciam temer que, se concedessem certa autonomia à vida anímica, deixariam de pisar o terreno seguro da ciência (FREUD, [1890] 1996c, p. 116).

Com algumas exceções tão louváveis quanto escassas, é assim ainda hoje e cada vez mais, como demonstra o editorial da *Nature* de 15 de outubro de 2009 (WALDROP, 2009), cujo subtítulo é “Se a Psicologia Clínica nos EUA quer continuar viável e relevante no sistema de saúde atual, ela precisa aderir publicamente à ciência”. O texto defende o retorno da psicologia clínica à ciência por meio da experimentação e da busca de evidências científicas de sua eficácia. Evidentemente ele começa batendo na psicanálise e descrevendo o choque dos cientistas com o desembaraço com o qual Freud elaborou suas teorias baseado em evidências não empíricas. De fato, ele parecia não ter medo de conceder certa autonomia à vida psíquica, nem duvidava de que continuava a pisar no terreno seguro da ciência.

Talvez, em vez de chocar-se, seja realmente o caso de seguir o exemplo freudiano e tratar como falsas as conclusões, tiradas da verificação experimental, de que os processos cerebrais são as causas primeiras das variações psíquicas. Só o que a verificação experimental nos mostra é que ambos estão acontecendo ao mesmo tempo: sempre que há uma variação psíquica (ou seja, o tempo todo quando se está vivo), há também uma variação cerebral.

A concomitância dependente

Em 1891, Freud publicou sua primeira obra, “Contribuição à concepção das afasias”, na qual é possível encontrar – ao lado e por conta de sua tomada de posição relativamente às teorias neurológicas do final do século XIX – a formalização de seu paralelismo. Na parte V,

ao criticar a doutrina córtico-cêntrica de Meynert e a hipótese localizacionista, Freud explicita e defende a ideia de que a relação entre os processos neurofisiológicos e os processos psicológicos não é de causalidade mecânica, mas de concomitância dependente. Ou seja, os processos neurofisiológicos e os processos psicológicos são concomitantes, interdependentes e de ação recíproca. Ele escreve: “a cadeia dos processos fisiológicos no sistema nervoso não se encontra, provavelmente, numa relação de causalidade com os processos psíquicos. [...] O processo psíquico é, assim, paralelo ao processo fisiológico (‘a dependent concomitant’)” (FREUD, [1891] 1986, p. 105). Que os processos neurais e os processos psíquicos são concomitantes dependentes e estão em conexão, parecendo agir reciprocamente um sobre o outro era só o que Freud sabia: quaisquer afirmações sobre o modo como se dá essa conexão eram, e até hoje ainda são, somente hipóteses formuladas a partir da interpretação dos dados coletados na experimentação e na vida cotidiana de cada um de nós. De qualquer forma, teórica e, sobretudo, clinicamente, não se pode desconsiderar a simultaneidade dos processos em jogo e a sua articulação em rede. Somos uma conjugação entre o que trazemos à vida e o que a vida nos traz. De modo que o problema da decisão sobre a causa primeira é, na verdade, falso. Como fazia Spinoza, é preciso levar em conta o desdobramento simultâneo dos eventos nas séries psíquica e corporal, perguntado pelas suas causas concomitantes, paralelas e específicas a cada série.

Esse é o pressuposto que vai operar de modo implícito na elaboração da metapsicologia, na qual o problema das relações entre corpo e psiquismo aparece em três conceitos fundamentais – não são os únicos, mas talvez sejam os mais expressivos. Sabemos que um conceito é formado por elementos que se tornam seus componentes inseparáveis, embora sejam distintos e heterogêneos. É isso o que define sua consistência interior, sua endoconsistência (DELEUZE; GUATTARI, 1992). E cada componente distinto apresenta um recobrimento parcial em sua vizinhança com outro. Por exemplo, no caso da força que anima a alma, a pulsão, cujos componentes Freud discerne com clareza, o objeto (infinitamente variável), a fonte (corpo vivo), a pressão (intensidade constante) e o alvo (descarga ou satisfação) são inseparáveis, embora sejam distintos. A pressão não existe

sem a fonte, embora se diferencie dela como a força é distinta do músculo que a atualiza; por sua vez, ao mesmo tempo em que a satisfação não se confunde com o objeto (daí sua variabilidade ao infinito), ela acontece por meio dele, constituindo-o como tal.

Essa inseparabilidade define a consistência interior do conceito, mas este tem igualmente uma exoconsistência relativa aos outros conceitos situados no mesmo plano de pensabilidade ou em outros planos diferentes. São os pontos de vizinhança, de indiscernibilidade entre eles, onde já não é possível decidir a que ordem de acontecimentos se referem. Por isso, a exoconsistência implica a construção de uma ponte (DELEUZE; GUATTARI, 1992). No exemplo da pulsão, essa ponte é evidente em pelo menos um de seus elementos, a fonte (corpo). Daí Freud ser levado a situá-la nas fronteiras da psicanálise com os saberes sobre o corpo e nas fronteiras do aparelho psíquico com o corpo. Porém, não é somente a pulsão que realiza essa ponte. Embora ela seja o único conceito-limite propriamente dito, o metapsicólogo monta pelo menos mais dois: afeto e isso. O que permite a visualização dos conceitos de afeto e de isso, ao lado da pulsão, como membranas é sua situação metapsicológica e epistemológica:

- 1) metapsicologicamente, referem-se às fronteiras da alma, às bordas do aparato anímico. O afeto é definido como variação quantitativa e consciência parcial dessa variação. Por sua vez, a pulsão é a força, simultaneamente somática e anímica, o *Grenzbegriff* por excelência. E, finalmente, o isso representa a instância anímica originária, espontânea e sempre atual, confundida em sua base com o corpo no qual e a partir do qual se desdobra;
- 2) epistemologicamente, são conceitos situados nas bordas da metapsicologia freudiana, mediando as interlocuções com campos de saber vizinhos, como a biologia ou a filosofia. No caso da biologia, Freud sempre acreditou, de um lado, que ela poderia complementar ou derrubar suas hipóteses e, de outro, que ele fazia contribuições importantes para ela justamente com esses conceitos. Já com relação à filosofia, Freud não hesitava em recorrer

a ela em busca de auxílio para sustentar algumas formulações importantes, como a pulsão de morte, por exemplo.

De modo mais esquemático, podemos afirmar que afeto, pulsão e isso são conceitos por meio dos quais Freud estabelece a ponte entre os domínios que ele identificava (corpo e psiquismo), mas também entre a psicanálise e planos conceituais distintos, como a biologia e a filosofia. Para usarmos uma imagem tão atual quanto usual, poderíamos também pensá-los como interfaces conceituais que pretendem dar conta das zonas de indiscernibilidade entre corpo e psiquismo e entre os saberes sobre o corpo e os saberes sobre o psiquismo.

Tanto essas membranas ou interfaces, quanto os pressupostos anteriormente apontados, são apenas exemplos do que se pode encontrar na obra de Freud a respeito do problema das relações entre corpo e psiquismo. Existem outros pontos adjacentes, mas igualmente importantes, como, por exemplo, a ideia de conversão (estritamente ligada à noção de afeto), o conceito de sexualidade (embutido no problema da pulsão) e a constituição do eu (articulada à instância do isso). O que importa, por ora, é perceber o quanto essa problemática é fundamental não apenas porque sobre ela os alicerces da psicanálise foram edificados, mas também porque por meio dela podemos fazer avançar a própria teoria psicanalítica.

Referências

AMACHER, P. Monograph 16: Freud's neurological education and its influence on Psychoanalytic Theory. **Psychological Issues**, v. 4, 1965.

ANDERSSON, O. **Freud avant Freud**: la préhistoire de la psychanalyse (1886-1897). Paris: Synthelabo, 1962.

BRUNO, P. Sur la formation des concepts freudiens de psychique/physiologique. **Nouvelle Revue de Psychanalyse**, n. 3, p. 157-173, 1971.

CANGUILHEM, G. La cerveau et la pensée. In: CANGUILHEM, G. **Philosophe, historien des sciences actes du colloque (6-7-8 décembre 1990)**. Paris: Albin Michel, 1993. p. 11-33.

CALLIGARIS, C. A ressaca do Prozac e o milagre da fala. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 mar. 1996. Caderno Mais!, p. 3.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

FREUD, S. **Contribution à la conception des aphasies**. Paris: PUF, 1986. Publicado originalmente em 1891.

FREUD, S. **A phylogenetic fantasy**. London: The Belknap Press, 1987. Publicado originalmente em 1915.

FREUD, S. History. In: SOLMS, M.; SALING, M. **A moment of transition: two neuroscientific articles by Sigmund Freud**. London: Karnac Books, 1990a. Publicado originalmente em 1888.

FREUD, S. 'Brain'. In: SOLMS, M.; SALING, M. **A moment of transition: two neuroscientific articles by Sigmund Freud**. London: Karnac Books, 1990b. Publicado originalmente em 1888. p. 39-86.

FREUD, S. Carta a G. Groddeck (5 jun. 1917). In: GRODDECK, G. **O homem e seu isso**. São Paulo: Perspectiva, 1994. Publicado originalmente em 1917.

FREUD, S. Prólogo a la traducción de H. Bernheim, "De la suggestion". In: FREUD, S. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996a. Publicado originalmente em 1888.

FREUD, S. Reseña de August Forel, "Der Hypnotismus". In: FREUD, S. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996b. Publicado originalmente em 1889.

FREUD, S. Tratamiento psíquico. In: FREUD, S. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996c. Publicado originalmente em 1890.

FREUD, S. Sobre la justificación de separar de la neurastenia un determinado síndrome en calidad de 'neurosis de angustia'. In: FREUD, S. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996d. Publicado originalmente em 1895.

FREUD, S. A propósito de las críticas a la 'neurosis de angustia. In: FREUD, S. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996e. Publicado originalmente em 1895.

FREUD, S. Pulsiones y destinos de pulsión. In: FREUD, S. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996f. Publicado originalmente em 1915.

FREUD, S. Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. In: FREUD, S. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996g. Publicado originalmente em 1916-1917.

HUGHLINGS-JACKSON, J. **Evolution and dissolution of the nervous system**: selected writings of John Hughlings Jackson. London: Hodder and Stoughton, 1932. Publicado originalmente em 1884.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, M. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: M. Fontes, 1982.

SOLMS, M.; SALING, M. On psychoanalysis and neuroscience: Freud's attitude to the localizationist tradition. **International Journal of Psychoanalysis**, New York, n. 67, p. 43-62, 1986.

SOLMS, M.; SALING, M. **A moment of transition**: two neuroscientific articles by Sigmund Freud. London: Karnac Books, 1990.

WALDROP, M. M. Editorial: Psychology: a reality check. **Nature**, v. 461, n. 7266, p. 847, 2009. Disponível em: <<http://www.nature.com/nature/journal/v461/n7266/pdf/461847a.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

WINOGRAD, M. Entre o corpo e o psiquismo: a noção de concomitância dependente em Freud. **Revista Psychê**, São Paulo, v. 8, n. 14, p. 95-118, 2004.

Recebido: 23/04/2011

Received: 04/23/2011

Aprovado: 21/07/2011

Approved: 07/21/2011